

## EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NA FRONTEIRA DA CONTEMPORANEIDADE: REDES DE INTOLERÂNCIA E MEMES DE PRECONCEITO E RACISMO NA ESCOLA E NA SOCIEDADE

## ANTI-RACIST EDUCATION ON THE FRONTIER OF CONTEMPORANEITY: NETWORKS OF INTOLERANCE AND MEMES OF PREJUDICE AND RACISM IN SCHOOL AND SOCIETY

Heleno Szerwinsk de Mendonça Rocha

**Resumo:** O racismo é um projeto político de poder nas fronteiras da contemporaneidade. A escola é um ponto de ataque de discursos de ódio e de memes depreciativos, expondo populações brasileiras à necropolítica. O ódio social, o preconceito de origem geográfica e a discriminação negativa tem sustentado práticas, comportamentos e ações, que normatizam o racismo. Nesse contexto, o processo educacional se torna um importante “território” de reafirmações sociais, de noções de verdade, democracia e liberdade de expressão. Argumentamos neste trabalho, que elenca memes e notícias falsas como instrumentos políticos de fabricação do consentimento, nosso ponto de investigação das redes de intolerância, que amplificam e fortalecem o preconceito e o racismo na escola e na sociedade, formalizando um currículo político-midiático, na fronteira epistemológica no ensino de história. Para investigação da problemática, nos aprofundamos na análise de conteúdo e de discurso, utilizando Almeida (2020), Albuquerque (2007), Chagas (2020) e Aquino (2003). Examinamos fragmentos midiáticos coletados de grupos de WhatsApp de estudantes de ensino superior da Ufac, entre 18 e 24 anos, durante uma pesquisa netnográfica nas mídias digitais.

**Palavras-chave:** Educação antirracista; Fronteira da contemporaneidade; Redes de intolerância; Memes de Preconceito e Racismo

**Abstract:** Racism is a political project of power on the borders of contemporaneity. The school is a point of attack for hate speeches and derogatory memes, exposing Brazilian populations to necropolitics. Social hatred, prejudice of geographic origin and negative discrimination have supported practices, behaviors and actions that normalize racism. In this context, the educational process becomes an important “territory” of social reaffirmations, notions of truth, democracy and freedom of expression. We argue in this work, which lists

<https://periodicos.ufac.br/index.php/jamaxi/index>

memes and fake news as political instruments for the fabrication of consent, our point of investigation of the networks of intolerance, which amplify and strengthen prejudice and racism in school and in society, formalizing a political-media curriculum, in the epistemological frontier in history teaching. To investigate the problem, we delve into content and discourse analysis, using Almeida (2020), Albuquerque (2007), Chagas (2020) and Aquino (2003). We examined media fragments collected from WhatsApp groups of higher education students at Ufac, between 18 and 24 years old, during a netnographic research in digital media.

**Keywords:** Anti-racist education; Frontier of contemporaneity; Intolerance networks; Prejudice and Racism Memes

## INTRODUÇÃO

A era da pós-verdade e do pós-fato coloca sobre nós indivíduos fortes indagações quanto à construção de um processo educacional mais justo e democrático, já que se torna evidente a baixa capacidade de agir coletivamente diante do complexo de desinformação da Nova direita, que enfraquece instituições democráticas, em meio a microfascismos que se infiltram, através de linguagens e tecnologias, numa sociedade cada vez mais marcada por questões raciais e sociais. Em busca de um entendimento para esta “encruzilhada” civilizatória, temos a cultura midiática e as práticas sociais que derivam da necropolítica governista, que entendemos como determinantes para potencialização de memes e notícias falsas na política das redes, em que se tecem discursos ultrajantes e do qual o papel de uma educação antirracista age na fronteira da contemporaneidade num crescente cenário de desigualdade social.

O Brasil com “Z” na metáfora de Raul Seixas empregada na canção “Aluga-se” é um Estado-Nação moderno-colonial orquestrado pelas elites econômicas, que desprivilegiam tanto negros quanto pobres, trazendo a Necropolítica como forma de exercer a soberania, para impor um modelo de sociedade e economia onde, nas palavras de Achille Mbembe (2016), se dita “*quem pode viver e quem pode morrer*”. Ao se tratar dos usos e “abusos” advindos do mais alto posto do funcionalismo público, temos a missão científica de esmiuçar as dissidências, já que “[...] *perceber a forma particular que essa hierarquia moral assume significa compreender, também, o medo peculiar como indivíduos e grupos sociais de uma sociedade concreta se percebem e se julgam*”. (SOUZA, 2016, p. 47).

Um cenário político caótico e a mais grave crise sanitária mundial afetam mentalmente grupos e indivíduos, gerando sentimentos repressivos, negativos e agressivos, como o ódio social, potencializado nas redes de intolerância, e por lideranças políticas, como Donald Trump, Jair Bolsonaro, entre outros da Nova Direita, que não têm a mínima capacidade de estabelecer um diálogo mais aberto e democrático com as diferentes parcelas da sociedade, no sentido de contribuir para um projeto societário. As gritantes desigualdades econômicas, sociais e culturais se mantêm por meio de regimes de visibilidade político-partidários que não conseguem mais esconder o racismo estrutural, retornando às populações negras consequências negativas e danos irreparáveis, em uma

gigantesca crise de legitimidade e representatividade política, em meio à escalada de um Estado de “exceção”.

A partir de uma análise detalhada e apurada de perfis de estudantes do ensino superior que assiduamente compartilham conteúdos digitais e que manifestam o preconceito e o racismo, alimentados pelas redes de intolerância, procuramos investigar memes e informações falsas de grupos de WhatsApp, e por fim, de que maneira têm afetado a construção de saberes escolares, culminando em um indesejável currículo político-midiático.

Ao nos debruçarmos sobre discursos e currículos que se disseminam nas redes sociais digitais, trouxemos elementos necessários para a análise de como pensam e no que acreditam os apoiadores de redes de intolerância que compartilham conteúdos digitais que abordam e tocam em questões como: a educação, as relações sociais, o identitarismo, a segurança pública, a família, assim como outros temas que podem ser considerados deletérios, como a privatização de setores públicos como a educação e a saúde.

Com a utilização da filosofia fenomenológica do teórico alemão Edmund Husserl e a ampla perspectiva dos estudos pós-críticos, debruçamos sobre “as raízes” da problemática do estudo, e também por meio da análise de conteúdo e de discurso, dissecamos a vasta matéria da linguagem social da internet, levando em conta as subjetividades dos indivíduos participantes, para tratar as questões do estudo. Sugerimos como ponto de partida a apuração de memes e notícias falsas mais relevantes que tangenciem a construção de uma educação antirracista na fronteira da contemporaneidade, desvelando os reais significados culturais e sociais por trás de tais manifestações de preconceito e de racismo na escola.

Para Bentes (2016), verossimilhança e evidência são a matéria da pós-verdade e do pós-fato. Sua enunciação repetida e viralizada por muitos, sua expressão em imagens e memes, antecipam o que queremos ver acontecer, ou seja, em outras palavras, cada vez mais, dentro da internet e em um panorama de hegemonia estrutural da branquitude, a cultura escolar se torna um elemento contribuinte do esvaziamento do sentido nacional e cívico, em que replicadores virtuais, avidamente, agem como operários “avessos” à grande construção democrática, ao promover ataques às minorias, disseminando o ódio ao “outro”, contribuindo para uma grande *cortina midiática*, que imputa ao processo educacional consequências irreparáveis, como a manifestação de preconceito e racismo na escola e na sociedade.

## **NAS FRONTEIRAS DA CONTEMPORANEIDADE: MEMES E NOTÍCIAS FALSAS NAS REDES DE INTOLERÂNCIA**

A forma como as sociedades e as tecnologias do “eu” passaram a tratar a contingência histórica da vigilância mudou a forma como todos nós indivíduos lidamos com as formações do saber e os jogos de poder (Foucault, 1994). A descoberta do que consideramos como “verdadeiro” no pós-verdade é apenas a mínima extensão de “até onde eu sei”, e além disso traz imbricações profundas à construção social do conhecimento, já que

nas atividades de vigilância “[...] a observação pode ser efetuada de diferentes modos (visual, mecânico, eletrônico, digital) e implica a inspeção regular, sistemática e focalizada de indivíduos, populações, informações ou processos comportamentais, psíquicos, corporais, sociais” (BRUNO, 2013, p. 19).

Desse modo, pensando a escola como o anteparo social da manifestação do preconceito e do racismo, analisamos o repertório de conteúdos digitais, que implícita ou explicitamente, qualificam e amplificam a manifestação de racismo e preconceito na escola. A partir de redes de WhatsApp de grupos de estudantes do ensino superior, temos uma importante oportunidade de observar e decifrar como estão deformando saberes escolares e de que maneira isso culmina em um currículo político-midiático “indesejável”.

O navegar por redes de intolerância produz efeitos “supra” deletérios e negativos às ações e comportamentos éticos e políticos de estudantes de ensino superior que, de maneira despercebida e acrítica de seus pontos de vista, consomem e distribuem memes e notícias falsas, alimentando o ódio que potencializa a desagregação do processo educacional. Os estereótipos são a fórmula adequada para o “sucesso”, já que são reduções facilitadoras e generosas, que simplificam questões mais profundas e intrínsecas à verdade dos fatos sociais, inoculando ideários negativos que são captados pelas redes de intolerância. O contexto de comunicação do ser social que “fala” com ódio é a maneira como também os pensamentos comunicam “[...] uma série de disputas, negociações, controvérsias que redefinem continuamente os atores, suas ações, associações, bem como a própria rede” (CALLON, 2001).

As informações descompassadas nas fronteiras da contemporaneidade se transformam em uma incompleta e “descartável” identidade que se torna nesse caso em: “[...] uma abstração que não nos diz nada sobre as relações sociais específicas que a constituíram” (HAIDER, 2019, p. 35). O ser e o nada, ou um ser político e seu nada “político” é a existência factual de sua própria revisitação. E assim, o nacionalismo se torna um caldo cheio de discórdias e controvérsias, em que estudantes de ensino superior nadam e naufragam à procura de uma ilha “provisória” de identidade, que não é só uma cor ou bandeira, mas também um pouso momentâneo de natureza social desconexo com a própria individualidade alimentada pelo ódio.

O racismo e o preconceito amplificados por memes e notícias falsas são elementos intencionais, introjutados por redes de intolerância e seres virtuais, que ao serem consumidos pelo “eu” político, se tornam uma “amarra” cega que destitui qualquer combinação que possa promover a superação do individualismo. Para o autor, “[...] o paradigma da identidade reduz a política a quem você é como indivíduo e a ganhar reconhecimento como indivíduo, em vez de ser baseada no seu pertencimento a uma coletividade e na luta coletiva contra uma estrutura social” (HAIDER, 2019, p. 49).

O meme viaja pelas redes e chega a lugares “desconhecidos” do eu, demonstrando a multiplicação de comportamentos “indesejáveis” socialmente, como a discriminação, a injúria, a difamação, e por fim, a humilhação. Para Chagas (2020, p. 25), “[...] o meme,

portanto, assim como o gene, se constitui como um replicador, uma unidade de transmissão, que carrega informações de um lado a outro e espalha entre as pessoas como se contaminasse”. É o que percebemos, entre seguidores, simpatizantes das redes de intolerância de diversas faixas etárias, uma arquitetura argumentativa frágil que sustenta posturas e comportamentos autoritários, e por assim dizer desumanos.

Para Aquino (2003, p. 18), “nas sociedades contemporâneas, as relações entre os indivíduos são complexas de maneira que a tolerância encontra dificuldade em se transformar em cotidiano natural, gerando, pois, a intolerância”. A intolerância ao “diferente” transforma e fortalece, em trocas simbólicas, a pauta do populismo de direita, que intensifica perseguições e prisões a opositores do pensamento social conservador majoritário.

Para Chagas (2020, p. 26), “[...] se a mente é um recurso disputado, ela é o ambiente ao qual os memes devem procurar se adaptar”. Em outras palavras, nós somos, na realidade das máquinas de ver, pura e simplesmente hospedeiros dos memes e notícias falsas. O que dizer do conteúdo digital diário que circula cultivando o racismo e preconceito? A análise de discurso e de conteúdo pode nos garantir uma plataforma metodológica de investigação segura para tratar cientificamente os conteúdos digitais. Os memes “conservam”, nas palavras de Chagas (2020), o conceito de enquadramento, ou seja, de que as informações são consideradas como cápsulas informacionais, que têm a capacidade de organizar as experiências humanas e representá-las coletivamente.

## **EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA FRENTE A MEMES DE PRECONCEITO E RACISMO NA ESCOLA E NA SOCIEDADE**

A expressão e o desejo de significar os sujeitos e objetos pelos nossos modos de ver, já pode ser considerado, como uma forma de classificação natural, no entanto, o que se prolonga do ideário racista e da simples exibição de diferenças sociais pode alimentar as justificativas sociais, morais, éticas e econômicas de posicionamentos políticos, carregando o ingrediente básico da “intoxicação” ideológica, na vida e no imaginário social. Os memes na política se tornam o primeiro replicador e mensageiro da simplificação de imaginários sociais e do espetáculo midiático-político, e as redes de intolerância por meio do WhatsApp indexam e reforçam a discriminação pejorativa e negativa de estereótipos sociais, que conotam as populações negras e pobres como as mais “perigosas” da sociedade.

As mídias digitais carregam humor, sarcasmos, zombaria, ironia, irreverência e iconoclastia através de cápsulas informacionais que são geradoras de discussões e indissoabilidades, e que prenunciam e potencializam a movimentação de influenciadores digitais, assim como servem de “[...] suportes de difusão de conteúdos que constituem um canal intermediário de expressão, capaz de transmitir mensagens” (BRITO & ALBUQUERQUE, 2018, p. 451). A produção de mensagens e conteúdos digitais para fins políticos ocorre de forma interligada ao processo político, e podem estar associadas à combinação de acontecimentos midiáticos que através do processo de circulação de informações falsas,

por meio de redes e algoritmos, impulsionam e direcionam dados pessoais a grandes empresas de propaganda e publicidade, como a Google e o Facebook, que redistribuem os conteúdos digitais.

A Necropolítica é a distribuição da morte, seja como uma função pedagógica nefasta, que através de uma expressão natural e consensual de seus instrumentos políticos, alimenta o racismo que “[...] fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida contemporânea” (ALMEIDA, 2020, p. 16), escondendo as grafias, as vidas e obstáculos gerados para as populações negras, em um rastro de destruição que acentua ainda mais a desigualdade econômica, cultural e social.

A abertura frente à barbárie se inicia numa realidade injusta e desigual, desintegrada pelos pequenos conflitos ideológicos cotidianos, que reforçam o conflito e o ataque a minorias, não só como uma grande metanarrativa, mas também como gerador de pautas educacionais que justifiquem “[...] mantermos um projeto educacional que tenha claro o propósito de formar, em algum nível, uma consciência crítica, uma cidadania atuante politicamente ou ainda uma linguagem de mudança social” (LOPES, 2014, p.44).

A desigualdade social contemporânea, em que se agregam discussões de ordem essencialmente ideológica, nos traduz a ignorância, que flerta com o anticientificismo, e onde o currículo tem um papel fundamental na formação cultural, já que absorve também discursos e memes, e que, na visão de Lopes (2014), podem focalizar o poder, a política, a ideologia em suas relações com o conhecimento escolar, além de trazer noções como a de verdade, projeto, classe social, realidade e sujeito, que em suma, pode contribuir com o campo específico, de pensar a política do currículo e o currículo político, trazendo a análise de conteúdo e de discurso de memes e notícias falsas e redes de intolerância de WhatsApp de estudantes e professores, como fontes de pesquisa do velado processo de preconceito e de racismo na escola, em suas filigranas informacionais e atitudinais.

A democracia está em vertigem através dos efeitos nefastos de discursos e linguagens, que por meio da constante circulação de informações nas mídias digitais, invadem, transfiguram e subvertem o sentido e a concepção de um processo educacional mais justo e igualitário. A justificativa para que se tenha uma formação humana mais aberta a currículos flexíveis é a consciência crítica, uma cidadania atuante politicamente, que depende da ideia de que “[...] a educação e o currículo devem estar conectados à possibilidade de luta contra o capitalismo por meio da formação de agentes da transformação social” (LOPES, 2014, p. 45)

E para isso é necessário e pertinente que, na imersão em redes de intolerância, em que estudantes e professores captam, canalizam, transmitem conteúdos digitais, como memes e notícias falsas, em que se amplia “[...] as possibilidades de um currículo político, mesmo em um terreno que admita a impossibilidade do projeto educacional crítico.” (LOPES, 2014, p. 48). Os diálogos travados nas redes de intolerância podem e devem estar na pauta de construção de discursos e currículos, já que a todo momento somos interpelados a nos posicionar sobre os fatos sociais, e sobre notícias falsas que nos interceptam os saberes

escolares de maneira desconhecida, incisiva e contundente. É possível que, nos debruçemos sobre a análise de conteúdo e de discurso, para manejar os elementos discursivos e narrativos que mais se relacionam à construção democrática. Para Lopes (2014, p. 52), “[...] estamos envolvidos na política todo tempo e em todos os espaços, na medida em que ela é uma política de significação”.

Para Almeida (2020, p. 21), “[...] o racismo é a manifestação normal de uma sociedade, e não um fenômeno patológico ou que se expressa algum tipo de anormalidade”, ou seja, nos habituamos a enxergar o racismo como algo associado ao comportamento, que na verdade está muito além da superfície da pele e se infiltra nas ações e práticas, dentro de estruturas e espaços da sociedade que nós mesmos idealizamos, criamos e produzimos. As barreiras ideológicas que nos impedem de ver como o “outro” se relaciona com o todo, o que muitas vezes é apenas um lastro de nossa subjetividade e de nosso ideário, dependente também do nosso “lugar” de fala.

## **RACISMOS/FASCISMOS INTERNOS E EXTERNOS: O ENFRENTAMENTO DA ESCOLA NA ERA DIGITAL**

Para que conteúdos digitais alcancem a prioridade na construção política da escola, se pode reconhecer os racismos/fascismos internos e externos dos produtores de mensagens. Os influenciadores digitais<sup>1</sup> passaram a fazer essa “ponte” ideológica, entre o público geral e as diversas parcelas da sociedade. Mídias digitais são os meios de comunicação social que dão suporte à difusão de conteúdos. Para Brito & Albuquerque (2018, p. 451), estas são “[...] qualquer mídia que utilize, como meio, um computador ou equipamento digital para criar, explorar, finalizar ou dar continuidade a um projeto que tem como suporte a internet, em comunicação on-line off-line.”

O resultado disso, política e socialmente, é um ambiente caótico de desinformação, em que se movem “falsos” pés, e em que as mensagens são disparadas simplesmente para seus públicos “alvos”. Os estudantes do ensino superior que se embebedam da cibercultura no uso de um celular e/ou de um computador, acabam por se tornarem “sustentáculos” das redes de intolerância. Dessa maneira, o que temos são apenas mensagens “tóxicas” e “duvidosas” sendo acriticamente incorporadas e redistribuídas, sem que se tenha um “filtro”, e o conhecimento escolar, que não consegue explorar, no sentido pedagógico, as redes de WhatsApp que circulam um grande volume de informações falsas que atuam ininterruptamente produzindo significados para a política de Estado.

A cristalização de questões como as raciais, identitárias e sociais é um trunfo de ação da Nova direita que desarticula e neutraliza a base social, desestimulando a organização social e política, de forma contaminante, para assim obter o fator consensual de que as políticas do governo estariam alcançando o público majoritário. Para Aquino

<sup>1</sup> Talvez saiba apenas o que consegue ver pela tela do celular ou do computador. Como vivem os youtubers? Ganham fortunas? Como viralizaram? São amigos uns dos outros? (VILICIC, 2019). VILICIC, Filipe. **O clube dos youtubers: como ícones rebeldes construíram o maior fenômeno da internet e se tornaram os principais influenciadores da juventude brasileira**. Belo horizonte: Editora Gutemberg, 2019.

(2003, p. 105), “[...] esse modo de pensamento alicerça a cristalização de regimes de verdade científicas, as formações discursivas e suas práticas, a imposição de modelos políticos, econômicos e sociais”. Construções estas que interditam o debate, a crítica, a réplica, a polêmica e a polissemia.

O conceito de raça é um dos mais basilares na construção das diferenças sociais, já que raça não é um fundamento científico, mas sim um fundamento moral. Ele antecede a identidade racial, pois “[...] não existem diferenças biológicas ou culturais que justifiquem um tratamento discriminatório entre seres humanos.” (ALMEIDA, 2020, p. 31), no entanto, o que mais vemos se distribuir são menções espúrias, tratamentos desumanos e designações de cunho racista, que expõem a face mais cruel do projeto racista governista.

Estamos obstruídos pelos “meandros” comunicativos da Nova Direita que invadem o WhatsApp e as redes sociais digitais, e atacam a reputação de seus “opositores”, de maneira que o pensamento social conservador desbanque majoritariamente a democracia. Com isso, o processo educacional se torna “um rio” inesgotável de conflitos, enfrentamentos e embates em que professores e estudantes necessitam restituir reflexões e caminhos para a construção salutar do conhecimento escolar. Para Aquino (2003, p. 108), as redes de intolerância “[...] são redes minúsculas de insatisfação e desejos não realizados e transformados em frustrações que vão se ramificando dentro de nós mesmos gerando violência”.

Os discursos e currículos que alimentam os estereótipos negativos têm prejudicado o processo educacional e a harmonia social de diferentes grupos sociais. Ao se tratar da realidade concreta, nem mesmo aqueles indivíduos de uma mesma origem geográfica pensam e agem de uma mesma maneira politicamente. A singularidade e a subjetividade são elementos intrínsecos ao desenvolvimento humano, e a partir deles geramos noções de verdade, e modos de ser e ver na sociedade. O racismo é um elemento muito complexo das sociedades contemporâneas, e se desmembra em diferentes categorias, manifestações, formas de pensamento e ação. A concepção comportamental de entendimento do racismo é que está em vias de ser recomposta, já que muito mais as práticas e estruturas racistas alargam o pensamento de supremacia branca na sociedade.

A produção de visões e do imaginário social leva a maioria de nós a mentalizar até o lugar do corpo negro, no funcionamento das relações sociais. Isso denota o caráter simbólico do racismo, sobre o qual precisamos refletir e aprofundar cientificamente para compreender como ele se prolonga e se multiplica na cidade em que vivemos, e que, sabemos, onde moram os mais pobres e as populações mais carentes. Portanto, “[...] o racismo é sempre estrutural, ou seja, de que ele é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade” (ALMEIDA, 2020, p. 20).

Portanto, para Almeida (2020, p. 32), o racismo pode ser encarado e tratado como uma “[...] forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, o que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertencem”. Não há como desconsiderar o aspecto de que grande parte da população brasileira, mesmo sendo formada por famílias



de baixa renda, ainda não é a favor de cotas raciais em exames de seleção e concursos públicos. Ser antirracista, neste momento, é ser a favor da ampliação das vagas para negros e pobres, e não o contrário que vem sendo preconizado e circulado pelas vias antidemocráticas da comunicação governista.

O racismo tem que ser tratado pela construção da sociabilidade, o que, portanto, se relaciona com a economia. Os conflitos têm tomado forma, pois o racismo caminha para que seja debatido não só dentro das instituições, mas também na sociedade, já que não há como considerar o tema da reprodução das desigualdades, para se pensar o projeto societário. Para Albuquerque (2007, p. 10), “[...] *estas definições prévias, definições ou descrições que não advêm do conhecimento do outro, mas que nascem da hostilidade, da distância ou do descontentamento, que chamamos de preconceito*”, estão sendo o núcleo de discórdia social e de significação da Nova Direita.

Este lastro de barreiras ideológicas trabalha para que a noção de raça seja vista de maneira deturpada. As identidades dos grupos sociais e o sentimento de pertencimento da maior parte de estudantes de ensino superior estão relacionados com as práticas sociais que derivam da sociabilidade virtual e dos discursos e currículos que se atravessam, em meio ao processo político de destituição da organização coletiva e social de luta por mais direitos.

A retração de investimentos sociais e econômicos somado à naturalização do corpo negro na sociedade representa um “olhar” preconceituoso por parte deste governo, que atenta contra áreas do serviço público, como a saúde, a educação e o saneamento, interferindo de maneira direta na organização social de grande parte da população negra, que tem condições de vida relegadas a baixos níveis de escolaridade e de oportunidades sociais. A reprodução de desigualdades é fator de repulsão geográfica de modos de vida mais dignos e justos com a base da pirâmide social. Por isso a meritocracia é naturalizada em uma sociedade tão desigual e injusta, em que persistem determinantes sociais, políticos e econômicos.

Para Albuquerque (2007, p. 11), “[...] *estes preconceitos quase sempre estão ligados e representam desníveis e disputas de poder e nascem de diferenças e competições no campo econômico, no campo político, no campo cultural, no campo militar, no campo religioso e nos campos dos costumes e das ideais*”. Aliás, o pensamento social progressista encontra dificuldade de entrar na arena de discussão e de ideação da população mais pobre, porque se concentrou em temas como: valores, costumes e sexualidade, que fogem ao sentido, da maior parte da população, que, afinal, necessita é do reconhecimento da exploração capitalista, que impede que mais discussões e empregos sejam direcionados às populações negras e mais pobres.

Assim também a naturalização da condição do lugar do negro como de um lugar que deve ser combatido, vitimado e exterminado, como um mal, pela visão do Estado, contribui para que estereótipos negativos, em relação ao negro, sejam reforçados nas novelas e na publicidade, como indução da inferioridade do negro na sociedade. Para

Albuquerque (2007, p. 13), “[...] o estereótipo é uma espécie de esboço rápido e negativo do que é o outro. Uma fala redutiva e reducionista, em que as diferenças e multiplicidades presentes no outro são apagadas em nome da fabricação de uma unidade superficial, de uma semelhança sem profundidade”.

## **PARA SE CONCLUIR... SEM FIOS NO RACISMO ESTRUTURAL**

O Estado brasileiro age na exceção, melhor dizendo, na contradição. E desse modo afeta a escola na causalidade de fatos sociais e midiáticos, e de interações humanas que, na perspectiva de uma consciência nacional acrítica e involuntária, se movimentam para destituir o “outro”, ao invés de fortalecê-lo e dignificá-lo, na formação humana, pautada em diversidade e através da liberdade.

O absurdo nos fatos e notícias que se colocam como principal centro da atenção do público, forja o regime de visibilidade Bolsonaroista, que vem sendo “[...] constituído pelas condições de possibilidades de verdade, pelo conjunto de regras que a tornam possível” (BRUNO, 2013, p. 14). Parafraseando o pensador e filósofo estadunidense Cornell West, Sílvio de Almeida nos sinaliza que o mundo já se encontra em uma tempestade perfeita, e que o racismo deve suplantar os simples atos individuais, de questões culturais e comportamentais, e adentre à concepção institucional e estrutural das sociedades, promovendo uma revisitação à arquitetura de práticas e atitudes que predominem como modelos únicos de pensamento e de ação, para que o processo político não seja apenas a reformulação simplificada de alcance de uma maioria, mas de uma construção política mais digna e justa com todas as partes envolvidas, considerando as subjetividades, as experiências sociais, os valores humanos.

Trazendo a realidade concreta de diversos grupos sociais que, à margem da ação do Estado, se agigantam e multiplicam máquinas de ver e modos de ver a sociedade, diante da contrastante desigualdade de discursos inflamatórios e discriminatórios, por meio de memes, notícias e informações falsas, que influenciam a percepção da maioria da população brasileira. O currículo do racismo é construído na inserção de redes de intolerância, que inundam a sociedade e a escola com memes, “[...] projetando mudanças constantes no ecossistema midiático, com novas implementações e funcionalidades em plataformas digitais e novos públicos” (CHAGAS, 2020, p. 57).

A questão da segurança pública é a pauta da política da Nova Direita, em um dos países do mundo mais violentos e desiguais socialmente, constituindo uma paisagem midiática que favorece a manutenção da violência física e simbólica nas abordagens das forças policiais e nas periferias das grandes cidades. Para Empoli (2019, p. 20) “[...] o algoritmo das redes sociais é programado para oferecer ao usuário qualquer conteúdo capaz de atraí-lo com maior frequência e por mais tempo à plataforma, o algoritmo dos engenheiros do caos os força a sustentar não importa a posição, razoável ou absurda, realista ou intergaláctica, desde que ela intercepte as aspirações e os medos”.

Como seres sociais e virtuais têm imputado a terceiros (“outros”) o flagelo de suas próprias diferenças e opiniões, em um prato cheio de discordâncias ideológicas? Em meio a uma constante derivação e distorção de valores, fatos e ideologias sociais, temos a imagem de um genocida “público” que, com as mãos apontadas como símbolos de arma, demonstra a “força” de um político enaltecido, pelos braços do povo, que se vangloria da “fama”, enquanto entes queridos e pessoas de todas as origens sociais do Brasil, morrem acometidas pela Covid-19, resultantes de atitudes banais e irresponsáveis.

Para Bakhtin (2014, p. 15), “[...] *todo signo é ideológico, a ideologia é um reflexo das estruturas sociais, assim, toda modificação da ideologia encadeia uma modificação da língua. A evolução da língua obedece a uma dinâmica positivamente conotada, ao contrário do que afirma a concepção saussuriana*”. A trajetória de contradições governistas acende o “alerta vermelho” nas lutas, resistências das minorias sociais, já que grande parte de seus apoiadores e seguidores, xenófobos “assumidos”, fazem ataques, conflitos e perseguições construindo a manutenção de um atraso histórico e social na política.

Os xingamentos e ataques verbais e não-verbais às minorias, diante de novos signos que adentram a escola, já produzem efeitos deletérios na formação cultural, social e ética dos sujeitos. Para Bakhtin (2014, p. 16), “[...] *os sistemas semióticos servem para exprimir a ideologia e são, portanto, modelados por ela. A palavra é um signo ideológico por excelência.*”

A banalização da violência do Estado chega ao ponto de atacar a escola, com muito impacto negativo a partir de imagens. São comportamentos evasivos e obsessivos de estudantes que refletem a perda da autoridade pedagógica. O *firehosing*<sup>2</sup> é uma estratégia de comunicação midiática da Nova Direita, utilizada para gerar permanentemente a desinformação, criando diversos focos informacionais, produzindo a dúvida, a alerta, o engano.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia**. São Paulo: Cortez, 2007.
- ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.
- AQUINO, Mirian de Albuquerque. **Cantoria dos pardais: educação, cultura e informação**. João Pessoa: Editora universitária, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2014.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Portugal: edições 70, 2010.
- BENTES, I. **A memética e a era da pós-verdade**. Revista Cult, São Paulo, 31 out. 2016. Disponível em <https://revistacult.uol.com.br/home/a-memetica-e-a-era-da-pos-verdade/>. Acesso em 20 de agosto.
- BRITO & ALBUQUERQUE. Verbete Mídias Digitais. In: BERTOLDO, H, MILL, D. Tecnologia. In: MILL, D. (Org.). **Dicionário crítico de educação e tecnologia e de educação à distância**. Campinas: Papirus, 2018.
- BRUNO, Fernanda. **Máquinas de ver, modos de ser: vigilância, tecnologia e subjetividade**. Porto alegre: Sulina, 2013.
- CALLON, M et al. **Agindo em um mundo incerto: um ensaio sobre democracia técnica**. Paris: Seuil, 2001.

2 VICE. 2018. O que é firehosing e como o clã Bolsonaro se aproveita disso. Disponível em: [https://www.vice.com/pt\\_br/article/zm98ky/o-que-e-firehosing-e-como-o-cla-bolsonaro-se-aproveita-disso](https://www.vice.com/pt_br/article/zm98ky/o-que-e-firehosing-e-como-o-cla-bolsonaro-se-aproveita-disso). Acesso em: 27 de ago. de 2020.

- CHAGAS, Viktor. **A cultura do memes: aspectos sociológicos e dimensões políticas**. São Paulo: Editora Universitária, 2020.
- EMPOLI, Giuliano Da. **Os engenheiros do caos**. São Paulo: Vestígio, 2019.
- FOUCAULT, Michael. A função do intelectual político. In: “**Dito e escrito**”. Paris: Gallimard, 1994
- HAIDER, Assad. **Armadilha de identidade: raça e classe nos dias de hoje**. São Paulo: Veneta, 2019.
- LOPES, Alice Casemiro. **Diálogos curriculares entre Brasil e México**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Revistas temáticas, nº 32, dez., 2016.
- SOUZA, Jessé. **A ralé brasileira: quem é e como vive**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016.
- VILICIC, Filipe. **O clube dos youtubers: como ícones rebeldes construíram o maior fenômeno da internet e se tornaram os principais influenciadores da juventude brasileira**. Belo horizonte: Editora Gutenberg, 2019.